

# Os sentidos do pesquisador ao descrever a cultura amazônica: análise de uma tradução norte-americana da Amazônia Brasileira

Klondy Lúcia de Oliveira Agra\*

## Índice

1 Introdução	2
2 A Borracha Conduzindo Pesquisadores à Amazônia Brasileira	3
3 Considerações finais	11
4 Referências	12

## Resumo

Este artigo procede de análise e tradução do material escrito por E. B. Hamill<sup>1</sup>, extraído do diário do médico norte-americano George E. Hafstad, doado à Universidade Federal de Rondônia por sua filha, professora Ellen Hoffmann, da Universidade de York – Canadá, em 29 de janeiro de 2002. O objetivo principal deste artigo é a verificação dos sentidos do autor ao traduzir contextos e cenários amazônicos à sua comunidade. O interesse à análise e tradução desse material se deve a singular descrição de detalhes amazônicos que demonstram a preocupação

\*Mestra em Linguística pela UNIR, Pesquisadora do NEC – UNIR. Professora da UNIRON (klondy2@gmail.com).

<sup>1</sup> Gerente da Companhia de Desenvolvimento da Borracha em Manaus no período em que Hafstad esteve no Brasil.

de técnicos estrangeiros envolvidos com a pesquisa na Amazônia brasileira, entre os anos de 1943 a 1945, com a leitura de contextos e cenários e a minuciosa tradução dessa realidade à sua comunidade e, ainda, pela possibilidade da retradução e resgate de valores culturais e históricos dessa região.

**Palavras-chave:** Tradução, Sentido, Cultura.

## Abstract

This article proceeds of analysis and translation of the material written by E. B. Hamill, extracted of the doctor George E. Hafstad's diary. This material was donated to the Rondonia Federal University by the Hafstad's daughter, Ellen Hoffmann, teacher of the York University – CA, in January 29, 2002. The main goal of this article is the verification of the senses of the author when translating Amazon contexts and sceneries to his community. The interest the analysis and translation of this material is due to particular description of Amazon, details that demonstrate technicians' foreign preoccupation involved with the research in Brazilian Amazon between years from 1943

to 1945 with the reading of the contexts and sceneries and meticulous translation of this reality to their community and, yet, by the possibility of *translation back* and ransom of cultural and historical values of this region.

**Key-words:** Translation, Sense, Culture.

## 1 Introdução

O médico George E. Hafstad veio à Amazônia brasileira em janeiro de 1943, como técnico de campo na Companhia de Desenvolvimento da Borracha do Brasil, com a missão de pesquisar o oeste do território acreano, que se destacava como uma grande potência na produção de borracha. A pesquisa de Hafstad incluiu a coleta de dados sobre as características físicas da região, incluindo a agricultura, transporte, plantas e doenças que vinham dizimando a população. Tais análises visavam à introdução de melhores métodos de exploração da borracha natural. A fim de coletar esses dados, Hafstad fez duas viagens ao Rio Juruá, uma com a duração de oito meses e a outra com doze meses.

O texto, base deste artigo, estava entre os papéis de Hafstad que foram herdados por sua filha, a professora doutora Ellen Hoffmann, da Universidade de Toronto / CA que, ao doar esse material à Universidade Federal de Rondônia, escreveu:

Acredito ser este um manuscrito não publicado, escrito aproximadamente em 1972 por E.B. (Ed) Hamill que foi gerente da Companhia de Desenvolvimento da Borracha em Manaus durante o tempo que meu pai esteve no Brasil. Tenho o diário original do meu pai do qual foi extraído este material. Infeliz-

mente, nada sei sobre o Sr. Hamill<sup>2</sup>. (Minha tradução)

A análise e tradução do manuscrito de Hamill são importantes à academia porque os mesmos contêm descrições que demonstram o interesse de pesquisadores estrangeiros em aprender sobre a cultura amazônica, investigando e repassando a sua audiência, a audiência estrangeira, imagens, sons, costumes e crenças desta parte do mundo que, embora muito falada e pesquisada, ainda hoje, tem seu habitante e sua cultura ignorados. Importa aos estudantes da tradução por oportunizar a *translation back*<sup>3</sup> que possibilita ao tradutor ler sentidos e significados construídos pelo autor estrangeiro, ao mesmo tempo em que oferece a possibilidade de, nessa retradução, reconhecer pontos que foram entendidos de forma errônea e esclarecê-los. Interessa, também, à comunidade brasileira e amazônica por resgatar valores históricos e culturais.

<sup>2</sup> I believe it is an unpublished book manuscript written about 1972 by E. B. (Ed) Hamill who has a Rubber Development Corporation manager at Manaus during the time my father was in Brazil. I have the original of my father's diary that is quoted in this typescript. Unfortunately, I know nothing what sever about Mr. Hamill. In letter from Hoffmann Ellen, January 29, 2002.

<sup>3</sup> É na retradução de obras com vestígios colonialistas que é possível mostrar toda a força do leitor e agir livremente como um escritor, modificando ou esclarecendo à sua audiência pontos imperialistas (In: Agra. 2004:78)

## 2 A Borracha Conduzindo Pesquisadores à Amazônia Brasileira

Com a crescente demanda internacional por borracha, a partir da segunda metade do século XIX, de 1877 a 1911, houve um aumento considerável na produção da borracha da Amazônia. Segundo historiadores como Cassiano (1960) e Tocantins (1961), o emprego de mão-de-obra aumentou na região devido às primitivas técnicas de extração empregada, fazendo com que os seringalistas<sup>4</sup>, com a ajuda financeira das Casas Aviadoras de Manaus e Belém<sup>5</sup>, recrutassem homens nordestinos para a extração da borracha nos Vales do Juruá e Purus. Essa demanda internacional formou na região amazônica as cidades de Manaus e Belém, que se tornaram muito ricas no período conhecido como o 1º ciclo de produção e comercialização da borracha por serem pontos estratégicos à navegação.

No ano de 1913, a produção de borracha na Malásia superou pela primeira vez a brasileira. O Acre e toda a região amazônica foram duramente atingidos pelo sucesso da borracha asiática em detrimento da borracha brasileira. No entanto, durante a segunda guerra mundial, quando o Japão barrou o envio da borracha da Ásia para o ocidente, os Estados Unidos, num esforço conjunto com o governo brasileiro, retomou a pesquisa da

<sup>4</sup> Seringalista (coronel de barranco): dono do seringal.

<sup>5</sup> Cadeia de fornecimento de mercadorias a crédito, cujo objetivo era a exportação da borracha para a Europa e EUA. In: Carneiro, Eduardo. **A Borracha no Acre**. 1º Ciclo da Borracha no Acre (1877 - 1913).

borracha na Amazônia. A borracha natural deste hemisfério tornou-se uma necessidade absoluta. Foi nesse cenário de necessidade de guerra que a equipe do doutor George E. Hafstad, inicialmente, composta de três homens Charlie Maki, George e Paulo Macedo, veio ao Brasil.

Segundo os escritos de E.B. (Ed) Hamill, com base no diário de Hafstad, Maki e Hafstad já haviam tido experiência com plantações de borracha e Paulo Duarte Macedo era diplomado em uma das escolas agrícolas do sul do Brasil.

A riqueza de detalhes descritos no material analisado para a produção deste artigo demonstra o interesse do pesquisador norte-americano em repassar à sua comunidade a sua visão da Amazônia, através da pronúncia de palavras, significados e sentidos construídos nessa cultura.

No início dos seus escritos, em uma nota de abertura, Hamill tenta explicar à sua comunidade, o significado da palavra *borracha* no Brasil:

In Brazil the noun *Borracha* means rubber and the adjective *borracha* means drunk. This is a story of the wartime noun.

[No Brasil, o substantivo *borracha* significa apagador e o adjetivo *borracha* significa bêbado. Esta é uma história de um nome dos tempos da guerra.] (Minha tradução)

De acordo com Klondy L. O. Agra (2004, p.56), a tradução é um ato de compreensão e, ao ler contextos e cenários de uma mesma cultura, com sentidos construídos que levem ao mesmo significado, há a possibilidade de controvérsias e mal entendidos, gerando contradições. Em se tratando da cultura do

“outro”, a necessidade de conhecê-la é fator primordial à leitura e interpretação para a compreensão. Quanto a esse processo de compreensão, para melhor esclarecê-lo, recorreremos a Bakhtin (1999:132) que afirma: “o processo ativo de compreensão se baseia no fato de que todo ser cultural interage com os objetos culturais”.

Com essa compreensão, observa-se na citação de Hamill, que embora o autor tente traduzir o significado da palavra *borracha* à sua audiência, ele comete equívocos que um brasileiro não cometeria. O que poderíamos apontar como a ausência do sentido culturalmente construído na comunidade por ele descrita. No entanto, antes de crer nessa ausência de sentidos construídos na cultura amazônica, é necessário esclarecer o que chamamos de sentido culturalmente construído.

Em busca de tal esclarecimento, recorreremos a Gottlob Frege (1978) e retomamos a sua concepção de unidade de sentido, com base no clássico ensaio “*Sobre o Sentido e a Referência*”<sup>6</sup>. Frege utiliza uma grande quantidade de argumentos para sustentar logicamente a afirmação de que o significado não é o objeto a que uma palavra se refere e que é necessário diferenciar, ainda, o objeto real e a palavra daquilo que é compartilhado socialmente como sendo o significado desse si-

nal e daquilo que cada um entende particularmente como sendo sua significação. Frege (1978: 64) argumenta:

A referência e o sentido de um sinal devem ser distinguidos da representação associada a esse sinal. Se a referência de um sinal é o objeto sensorialmente perceptível, minha representação é uma imagem interna, imersa das lembranças de impressões sensíveis, passadas e das atividades internas e externas que realizei.

O sentido é a idéia compartilhada como referente, isto é, uma concepção geral que permite o entendimento dos significados das frases entre os falantes. A representação é a concepção pessoal acerca do referente.

Para que o sinal possa atuar como elemento representativo deve estar associado a um sentido. O sentido, construído culturalmente, é compartilhado pelos falantes de uma língua. Definido como uma idéia geral que os falantes de uma língua associam a um sinal qualquer a respeito de um objeto do mundo real ou de mundos possíveis, o sentido é o responsável pela possibilidade de comunicação entre usuários de uma língua. Assim, quando um locutor fala uma palavra qualquer ou utiliza-se de um gesto culturalmente definido, espera que seu interlocutor entenda o que se está falando.

Passamos a entender, então que, ao descrever contextos e cenários, há a necessidade de se construir sentidos na cultura pesquisada e especializar esses sentidos para que nessa descrição não haja enganos e/ou contradições. Ademais, além do domínio da língua falada, para traduzir e descrever contextos e cenários importam, também, vários outros fatores que podem levar o autor a

<sup>6</sup> Este ensaio foi escrito com problemas da lógica em mente (isto é, a relação de "igualdade") e é uma amostra dos primeiros exemplos de análise filosófica a apontar que o problema invade a língua natural e que não é um problema restrito à matemática ou à lógica formal. Deste ponto de vista, Frege, como C. S. Peirce, antecipam a preocupação de filósofos e críticos com os problemas que envolvem a língua e o significado, particularmente onde problemas semânticos e epistemológicos sobrepõem-se, mas exigem diferenciação. Cf. In: Adams and Searle, 1985:624.

conclusões incorretas sobre a cultura pesquisada, tais como: os sentidos construídos em sua própria cultura, a visão colonizadora e até mesmo a mescla cultural no próprio cenário pesquisado.

Tais fatores formam uma gama de conhecimentos que especializarão, ou não, os sentidos culturalmente construídos, sentidos que, só através da especialização, possibilitam a correta interpretação, evitando mal-entendidos. De acordo com Agra (2004, p.53), é aí que entram em jogo a semântica dos pontos de vista, o contexto lingüístico e extralingüístico.

Com esse entendimento, voltamos à análise do texto de Hamill, com base no diário de Hafstad, a procura de verificar como se deu essa tradução da Amazônia.

Na citação inicial de Hamill, podemos observar que no Brasil, assim como na Amazônia brasileira, o substantivo borracha tem o significado de borracha, apagador, látex, no entanto, o adjetivo borracha não tem o significado de bêbado. Na verdade, não existe o adjetivo *borracha* na língua portuguesa do Brasil. O mais próximo da tradução de Hafstad para bêbado seria o adjetivo *borracheira* que significa bebedeira. Cujas origens são o vocábulo espanhol *borracho* que significa embriagado, ébrio.

O Acre, a época da visita desse pesquisador ao Brasil, enfrentara, num passado recente, conflitos para definir sua posse. As terras produtivas da borracha brasileira estavam muito próximas das fronteiras da Colômbia, Bolívia e Peru. Os dois últimos haviam requisitado sua posse. Muitos dos trabalhadores dos seringais brasileiros falavam a língua espanhola pela proximidade e convivência com bolivianos, peruanos e colombianos. Eram os nordestinos e seus descen-

descentes que, trazidos à Amazônia na época áurea da borracha, foram abandonados a sua própria sorte e, na luta pela sobrevivência, com a construção e especialização de sentidos, adaptaram-se a cultura local.

Desse modo, ao construir sentidos nessa parte da Amazônia brasileira, Hafstad o fazia de acordo com o que via e ouvia, misturando significados portugueses e espanhóis. A respeito desse construto, Ferrarezi Jr. (2003)<sup>7</sup> comenta:

Os sentidos se constroem culturalmente, e tudo o que é construído culturalmente é, obrigatoriamente, vinculado a valores culturais. Por isso mesmo os sentidos expressam, além de suas ações referenciais, valores culturais e, por isso, geram uma *impressão* desses valores nas mentes dos falantes. É a partir dessas impressões de valores que construímos nossas representações. Mas, elas - as impressões de valores culturais - não são as representações, pois elas são, ainda, somente um construto cultural e compartilhado, e as representações são subjetivas, pessoais.

Assim sendo, supõe-se que aos poucos, com a convivência diária, Hafstad, numa confusão de significados e sentidos foi modificando seus valores culturais, gerando impressões destes valores em sua mente, o que lhe tornaria possível um construto cultural compartilhado que o levou a representações subjetivas, pessoais, sobre a cultura por ele pesquisada.

Segundo teorias revistas, tais como Racadah (2002) e Bakhtin (1999), entre outros, acreditamos que, com o objetivo de interpretar em seu diário o dia a dia amazônico,

<sup>7</sup>Ferrarezi Jr., Celso (2003). "A especialização dos sentidos: palavra, contexto e cenário". "(mimeo)". Texto fornecido no curso de Mestrado em Lingüística.

Hafstad procurou evocar pontos de vista que pertencessem à cultura da comunidade lingüística estudada e, através das representações coletivas, reconstruiu a realidade pesquisada, interpretando-a e traduzindo-a através do seu discurso à sua cultura.

Hamill, procurando apresentar os escritos do diário do médico Hafstad, inicia seu trabalho com um mapa que descreve os principais rios por onde o pesquisador passou: Juruá, Tapajós, Arapua, entre outros. No alto desse mapa, Hamill explica:

*Xerox of the finished overall map - but which is being redone because the draftsman changed the original layout.*

*In Spanish or Portuguese a river can be Rio Tapajoz or Tapajos or even R. Tapajoz - but never Tapajoz rio.*

[Fotocópia do mapa completo que deve ser refeito, pois o desenhista mudou o desenho original.

Em espanhol ou em português um rio pode ser chamado, por exemplo, Rio Tapajós, Tapajós ou até R. Tapajós mas nunca Tapajós Rio.] (Minha tradução)

Já no início da análise dessa obra, observamos que o texto analisado não é um texto pronto para a publicação e que o manuscrito tem marcas para uma possível revisão. Como se observa no extrato acima há preocupações com detalhes que poderiam não interessar ao leitor. O que mantém o interesse à análise é a particularidade da tradução dos cenários amazônicos por Hafstad à sua cultura. Já na introdução, o senhor Hamill apresenta uma sinopse de cada capítulo ao seu leitor. Nessa sinopse, observamos detalhes importantes. Como podemos considerar nestes exemplos:

Na sinopse do capítulo 5:

*How the **bravo** gradually became a **caboclo**, and the ways this river man made a living from the forests and the rivers.* (Grifo do autor)

[Como o *bravo* gradualmente se transforma em *caboclo*, e a maneira como esse ribeirinho ganha o sustento através das florestas e dos rios.] (Minha tradução)

Na sinopse do capítulo 6:

*Two pairs of field men working the green islands and yellow channels of the mouth of the Amazon: a first night in Belém, a revolution and a voyage, the peeling of a ten-foot banana, a feudal river, a forest swastika, some red-coated **vaqueiros**, and sundries.* (Grifo do autor)

[Dois pares de pesquisadores de campo trabalhando nas ilhas e canais verdes e amarelos da boca da Amazônia: uma primeira noite em Belém, uma revolução e uma viagem, as cascas de dez pés de banana, um rio feudal, uma floresta suástica, alguns *vaqueiros* vestidos de vermelho e outras variedades.] (Minha tradução)

3. Na sinopse do capítulo 7:

*In which you pause briefly on then Tocantins, observe the forest and the main river on the way to the Xingu, and some notes on the rocks and Indians of that long, black river and a couple of its tributaries.*

[Em uma breve pausa sobre o Tocantins observe a floresta e o rio principal no caminho para o Xingu e algumas inscrições nas rochas de antigos povos indígenas, o rio negro e alguns de seus afluentes] (Minha tradução)

Tal como nas sinopses acima, o autor procura preservar aspectos relacionados à língua utilizada no cenário pesquisado em vários pontos do texto. Tal interesse pode

ser interpretado como um modo de Hafstad revelar sentidos construídos nesse cenário. São esses sentidos, construídos e especializados na cultura amazônica, que levam o autor à consciência do valor da língua e que se mostram pela manutenção de várias palavras ou expressões indígenas (incorporadas ao português brasileiro) em sua descrição. Essa manutenção de palavras e expressões está presente em várias passagens na obra e encontram-se bem marcadas em todo o corpo do texto (borracha, gurupá, igarapé, bom jardim, fazenda, ordem e progresso, despedida, leite de onça, mateiro, toqueiro, feijoada etc.).

As palavras na língua original ajudam o autor a ilustrar o que ele não consegue traduzir à audiência norte-americana, tal recurso, de acordo com Miguel Nenevé (2003:164), pode ser um indício de que Hafstad estivesse ciente de que a língua é o espelho da realidade que ele queria retratar. Nesse sentido, o autor poderia estar tentando assegurar-se que ao manter as palavras na língua original, escaparia do perigo de interpretar erroneamente uma cultura e uma visão de mundo.

Logo após as sinopses dos capítulos, Hamill traz ao leitor o que Hafstad chama de *Guia fácil para rios portugueses*. Nesse guia ele procura descrever palavras e pronúncias à sua comunidade.

#### ***Easy Guide to River Portuguese***

*A few Portuguese words in common use about the rubber rivers must be utilized; without them the dish is flat and lacks the flavor of the great Valley. This is a First Reader for those who, like the author, need to move their lips when they read. In the narrative a Portuguese word is italicized only the first time used.*

*The Portuguese “j” is spoken as “j”, as it is in English and as it is no Spanish. **Jacaré (the caïman) is spoken just as is written.***

*The “nh”, as in **piranha** (an unpleasant fish with bad eating habits), is the Spanish “ñ”. Most visually disconcerting is the “ão” at the end of such common river words as **patrão** (the boss), **regatão** (the floating store), and the **batelão** (the barge). It is, however, nothing more than the equivalent of the **on** in the Spanish **patron**. Pronounce it that way and you are close enough; if you insist on an authentic **ão**, detour it through your nose. Do not, as did a local newscaster, refer to the great city of São Paulo as Sau-oh Paulo. Try Sawn Paulo, wich will do.*

*The plural of **ão** is **oes**, as in **patroes**, **regatoes**, and **bateloes**. Say pah-tróesh, barely sneaking in that last “h”. The plural of **seringal** (rubber property) is **seringaes** but here it is written **seringals**; it seemed simpler and the “l” takes the “s” nicely.*

*Do not be afraid of the long Indians words; just pronounce the vowels, one after another. An Indian word is merely a string of vowel-beads. When your canoes turns in to the Rio Tarauaca, don’t just point but say loudly and boldly, “ Ah, the Rio Tah-rah-oo-ah-kah!” People will be impressed. Similarly, the Rio Itacaiunas is nothing more than the Eet-tah-kah-ee-oo-nas, and the Rio Camanauahu is but the Kah-mah-nah-oo-ah-oo. A matter of breath control.*

[Guia fácil para rios Portugueses

Algumas palavras comumente utilizadas sobre os rios da região produtora de borracha deverão ser utilizadas. Sem elas o prato é vazio e falta o sabor do grande vale. Esta é uma primeira leitura que, para aqueles como o autor, precisam mover os lábios enquanto lêem. Na narrativa, uma palavra em português é escrita em itálico, apenas na primeira vez em que é escrita.

Em português o J é falado como J, como é em inglês e não como em espanhol. Jacaré (the caiman) é falado apenas quando é escrito.

O NH como em piranha (um peixe desagradável com péssimos hábitos alimentares) é em espanhol ñ.

O mais desconcertante visualmente é o ão no final de palavras semelhantes como patrão, regatão<sup>8</sup>, batelão<sup>9</sup>. Isto é, geralmente nada mais do que o equivalente a ON em espanhol, *patron*. Pronuncie da maneira que você achar mais próxima, se você insiste em um autêntico ão, desvie isto pelo seu nariz. Não faça como um locutor local referindo-se à grande cidade de São Paulo como Sayoh-Paulo. Tente Sawn Paulo, como farei.

O plural de ão é OES, como em padrões, regatões e batelões. Diga pah-troesh, descoberto no último h. O plural de seringal (propriedade borracheira) é seringais, mas aqui isto é escrito *seringals*. Isto parece mais simples e o i torna-se l agradavelmente.

Não se assuste com as longas palavras indígenas, apenas pronuncie as vogais, uma após a outra. Uma palavra indígena é meramente uma união de vogais. Quando sua canoa virar dentro do rio Tarauacá, não aponte apenas, mas diga alto e forte: Ah. O rio Tah-rah-oo-ah-kah! As pessoas ficarão impressionadas. Similarmente o rio Itacaiúnas é nada mais do que Eet-tah-kah-ee-oo-nas, e o rio Camanau-ahu, Kah-mah-nah-oo-ah-oo. Uma simples questão de controle de respiração.] (Minha tradução)

Os sentidos, como já se observou, não os percebemos, os construímos. Em um cenário como o amazônico, possuidor de miscigenações, variedades lingüísticas e outros fatores

<sup>8</sup> Mercador que percorre os rios parando ribeirinhos para negociar.

<sup>9</sup> Grande barca para transporte pesado.

já mencionados que influenciam na interpretação, o leitor desses cenários não pode permitir redução ou assimilações impostas por sentidos construídos em outra cultura. Pois o conceito de sentido está relacionado à noção de ponto de vista. De acordo com Raccach (2002), a possibilidade ou não de uma pessoa interpretar contextos e cenários está fundamentada na disponibilidade de cada pessoa ter pontos de vista acessíveis, ativados pelos elementos de uma língua. Essa propriedade da língua, que nos permite ativar pontos de vista sobre o mundo, permite também considerar que os sentidos culturalmente construídos funcionam como uma memória coletiva da sociedade a que eles pertencem e são eles que cristalizam crenças e ideologias compartilhadas nessa determinada comunidade lingüística.

Assim, constata-se que, para o autor estrangeiro ler os contextos e cenários amazônicos e traduzi-los para sua audiência, torna-se necessário que ele construa sentidos dentro da cultura pesquisada e acredita-se que Hafstad, na sua viagem de pesquisa pelos rios amazônicos ou, nos rios da borracha como o autor prefere chamá-los (de acordo com a cultura local), conhecendo pessoas e envolvendo-se com o cenário por ele descrito, construiu sentidos dentro dessa cultura e reconhece o valor do homem amazônico e de sua cultura. Isso é registrado pelo próprio Hafstad: *A few Portuguese words in common use about the rubber rivers must be utilized; without them the dish is flat and lacks the flavor of the great Valley.* [Algumas palavras comumente utilizadas sobre os rios da região produtora de borracha deverão ser utilizadas. **Sem elas o prato é vazio e falta o sabor do grande vale.**] (Tradução e grifo meus) Ou ainda: *The Amazon river man, where it all*

*begins [...]* [**O homem amazônico é onde tudo começa...**] (Tradução e grifos meus)

Como se nota nos extratos acima e em todo o texto de Hamill, Hafstad não tinha conhecimento de fonética e a língua não era um de seus objetos de pesquisa, mesmo assim, ele faz uma tentativa de explicar minúcias sobre a língua, rios e costumes regionais por desejar expor a sua visão da Amazônia à sua comunidade. Ainda, na introdução de seu trabalho, Hamill traz ao leitor o que ele chama de *Uma Miscelânea*, observe:

*A micellany:*

*The Rio Jahu is the Hah-oo. The Rio Coari is the Koari. The Rio Xingu is the Shingoo. The Rio Jurua is the Jew-roo-ah. The Rio Araguari id the Ah-rah-gwah-ree. The island Mexiana is the Meshiana.*

*The word **seringa** (rubber tree) is the parent of a number of rubberwords: the **seringalista** is the rubber property manager or owner, the **seringueiro** is the rubber worker.*

*The **caucho** (tree or rubber) is kow-show.*

*The Amazon river man, where it all begins, must be called the **caqboclo**; the “lo” is too subtle to catch, just say kah-bókle.*

[Uma Miscelânea:

O rio Jaú é Jah-oo. O rio Coari é Koari. O rio Xingu é Shingoo. O rio Juruá é Jew-roo-ah. O rio Araguari Ah-rah-gwah-ree. A ilha Mexiana é Meshiana.

A palavra seringa (árvore seringueira) é a mãe de uma série de palavras derivadas; *o seringal* é uma propriedade produtora de seringa; *o seringalista* é proprietário do seringal, *o seringueiro* é o trabalhador do seringal; *o caucho* (seringueira) é pronunciado kow-show. O homem amazônico é onde tudo começa, ele deve ser chamado de caboclo; *o lo* é muito sutil, pronuncie Kah-bokle.] (Minha tradução)

No texto de Hamill, vemos que Hafstad, pesquisador com interesses diversos na Amazônia, começou a envolver-se com o homem amazônico, reconhece seu valor e constrói sentidos em sua cultura. Com sentido culturalmente construídos na sua própria comunidade e sentidos construídos na comunidade Amazônia, ele tenta através de explicações, quase infantis, detalhar seus pontos de vista à sua comunidade.

Muitas vezes, o texto de Hamill traz o lado poético de Hafstad. Como se observa no extrato abaixo:

*[...] three men named Charlie, George, and Paulo doing their catcher lonely job. It would have been a rare riverman on this enormous Jurua who before the war was ended had not heard of that **Bushwacker** wich flew the green and gold **Ordem e Progresso** flag of Brazil and the Stars and Stripes from the north. (Hamill, p. 04)*

*[...] três homens chamados Charlie, George e Paulo fazendo seu trabalho de apanhadores solitários. Seria raro um homem do rio naquele enorme Juruá que, antes da guerra terminar, não ouvira aquele barco que hasteava o verde e o dourado **Ordem e Progresso** da bandeira do Brasil com suas estrelas e faixas do norte. (Minha tradução – grifo do autor)*

Ou, ainda, outras vezes, Hamill apresenta um Hafstad que incorpora o bom humor do brasileiro, como observamos no descrever da brincadeira do seringueiro com a sigla da Companhia de Desenvolvimento da Borracha - RDC:

*Although the Rubber Development Corporation prices were the lowest ever known, our cynical rubber worker could not resist play on corporation initials – RDC; he claimed*

*that RDC meant **Roubar Devagar Compadre** or **Rob Slowly, Friend.***(Hamill, p.14)

[...] Embora os preços da Companhia de Desenvolvimento da Borracha fossem os mais baixos possíveis, nosso cínico seringueiro não resistia a brincadeira com as iniciais RDC; eles clamavam que RDC significava Roube Devagar Compadre ou Roube Vagorosamente, amigo! (Minha tradução)

Os sentidos construídos e especializados na cultura amazônica dão forma ao texto de Hamill e, na descrição detalhada de Hafstad, o leitor permite colocar-se no barco e navegar junto aos pesquisadores pelos rios da borracha:

[...] This is a story of those field men, of green forest and yellow and black waters, of wild rubber in the woods and tame rubber on the few plantations, of country untouched since the last rubber boom at the turn of the century, of flying boats bouncing down on the dirty and often turbulent main rivers or settling uneasily on the virgin and unknown surfaces linking the white bands of rapids far up the streams.

It is their story, not mine, but as their house-keeper who ran their errands and tried to help them, visited them, and on occasion traveled with them – the uninvited perpendicular pronoun has crept in. Like Robert Frost's man in the little one-horse sleigh who had miles to go before he slept, here there are many rivers to ascend and descend before war's end. In early 1943 the launch **Bushwecker** to leave Manaus for the Rio Juruá.(Hamill, p.03)

[...] Essa é a história daqueles pesquisadores de campo, da floresta verde e amarela e das águas pretas, da borracha selvagem das florestas e da borracha cultivada em pequenas

plantações de campos intactos desde o último surto da virada do século, de voadeiras saltando nos cursos dos principais rios, sujos e freqüentemente turbulentos, ou colonizando, não tão facilmente, as virgens e desconhecidas superfícies ligando as faixas brancas de cachoeiras distantes dos riachos.

Esta é a história deles, não minha. Mas, como a empregada zelosa que faz suas incumbências, tentando ajudá-los, visitando-os e, em algumas ocasiões, viajando com eles – um encarregado, sem muito peso, não convidado que acreditou neles. Como Robert Frost<sup>10</sup>, em um pequeno trenó puxado por um cavalo tinha, ainda, milhas a percorrer antes de dormir, aqui existem muitos rios a subir e a descer antes do término da guerra.

Em meados de 1943 a lancha *Bushwecker* preparava-se para deixar Manaus em direção ao rio Juruá. (Minha tradução)

O autor tenta converter a compreensão da Amazônia em uma compreensão norte-americana, lembrando Frost e seu poema, revelando a poesia que ele próprio consegue ver na Amazônia e que está presente em todo o seu texto. Nessa tentativa de conversão, Hafstad procura atender sua audiência.

Com a análise do texto de Hamill, nota-se que Hafstad construiu sentidos amazônicos através do envolvimento social, participando do dia a dia da tripulação e das comunidades ribeirinhas, com amizades e interesses pela região descrita. Com sentidos culturalmente construídos em sua cultura original e sentidos construídos na cultura amazônica, ele leu contextos e cenários, reconstruindo suas

<sup>10</sup> **Robert Lee Frost** (San Francisco, Califórnia, 26 de março de 1874 - 29 de janeiro de 1963) foi um dos mais importantes poetas dos Estados Unidos do século XX. Frost recebeu quatro prêmios Pulitzer.

significações e pontos de vista. Procura por detalhes e reconta a história que envolveu o presidente Roosevelt em visita à Amazônia numa nova conversão a sua audiência, descrevendo e relembrando o envolvimento do norte-americano com a Amazônia desde início do século XX, Hafstad, reserva algumas páginas de seus escritos e reconta a origem do nome do Rio Roosevelt:

*The Roosevelt – Rondon party was to descend the River of Doubt, so called because no one knew where it came out. In the Roosevelt – Rondon group was the ex-President and his son Kermit, the famed Colonel Rondon founded the Indian Service and who was the pioneer – explorer of Mato Grosso region [...] (Hamill, p184)*

A comitiva de Roosevelt – Rondon era para descer o *Rio da Dúvida*, então chamado porque ninguém sabia onde ele terminaria. No grupo de Roosevelt – Rondon estava o ex-Presidente e seu filho, *Kermit*, o famoso coronel Rondon fundou o Serviço dos Índios e foi o primeiro – explorador da região de Mato Grosso [...] (Minha tradução)

Dá-se conta que Hafstad, a fim de traduzir a Amazônia a sua cultura, também reconheceu o ambiente da comunidade descrita, construiu sentidos e, para que seu texto visse a interessar o seu leitor alvo, o leitor estrangeiro, ele também levou em conta o ambiente cultural desse seu interlocutor.

### 3 Considerações finais

Na leitura e tradução das 299 páginas produzidas por Hamill, com base nos diários Hafstad, observou-se que, assim como o pesquisador, o autor deu forma ao seu texto,

de acordo com a sua observação e envolvimento com o cenário pesquisado. Inicialmente, de maneira tímida, com pouco envolvimento com a cultura a ser descrita (com sentidos construídos em sua cultura – uma cultura estrangeira), e gradualmente, conforme vai se dando o seu envolvimento, ele vai, também, delineando o crescimento desse conhecimento com a construção e especialização dos sentidos na cultura pesquisada.

Com sentidos culturalmente construídos na sua própria comunidade e sentidos construídos e especializados na comunidade Amazônia, Hamill fornece explicações e detalhes a sua comunidade. Nesse detalhar, ele recupera dados da cultura pesquisada, resgatando o folclore local:

*“Of all the boto stories the most widely know – and the most sincerely believed – is about the human sons of botos. At night, it is said, male botos take the form of men and wander into the river port towns. They find girl to their liking, generally amid the squalor of the poorest section; the rogue boto must return to his water return to his water form before dawn. The bastard offspring of these unions are completely human, except for one small thing: on the top of their heads, hidden by hair, is a small fin. They are always males and are strong swimmers.” ( Hamill, p. 237 - Aspas do autor)*

[“De todas as histórias sobre botos, a mais amplamente conhecida – e a crença mais sincera – é sobre os filhos humanos de botos. À noite, dizem, os botos tomam a forma de homens e vagam pelos portos das cidades. Eles encontram as meninas de sua preferência, geralmente no meio de pessoas mais pobres; o velhaco boto deve retornar a sua forma aquática antes do amanhecer. A descendência bastarda destas uniões é completamente

humana, com exceção de um pequeno detalhe: no topo de suas cabeças, escondido pelo cabelo, está uma pequena barbatana. Eles são sempre machos e são fortes nadadores”.] (Minha tradução)

Seja no retratar o amazônida, ou em descrever a sua cultura, Hamill consegue demonstrar em seu texto o interesse do pesquisador em não se deixar levar por suas representações, ou por conhecimentos anteriores adquiridos em sua cultura ao que diz respeito às pessoas e seus costumes amazônicos. Tal interesse é bem marcado ao longo da análise e tradução do seu texto, até mesmo desfazendo maus entendidos e contradições de leituras anteriores:

*The Maués region was the center of the guaraná Industry. The guaraná bush grew wild in the forest between the Tapajoz and Madeira but the Maués cultivated it. [...] A century-old book in my possession quotes the Tapajoz traders on the Maués Indians: “Basta o nome, mau é!” which translated “Enough the name, bad he is!” This was a play on the name Maués, mau being the Portuguese word “bad”. The same traders spoke highly of the Mundurucu Indians on their river but they not like the Maués. Perhaps the Maués had his side the story. (Hamill, p. 212 – aspas e grifo do autor)*

[A região dos Maués era o centro da indústria do guaraná. O arbusto do guaraná crescia selvagem na floresta entre o Tapajós e o Madeira, mas os Maués o cultivaram.[...] Um livro meu de cem anos, cita a opinião dos comerciantes do Tapajós sobre os Índios Maués: “Basta o nome, mau É!” que se traduz “Suficiente o nome, ruim ele é!” Uma brincadeira com o nome Maués, por ser mau, o significado da palavra portuguesa “ruim”.

Os mesmos comerciantes falavam grandemente dos índios de Mundurucu em seus rios, mas eles não gostavam dos Maués. Talvez o Maués tivessem o seu lado da história.

Hamill, incorporando o amigo George Hafstad, valoriza o homem amazônico e sua cultura, sem permitir reduções ou assimilações impostas por sentidos construídos em outra cultura. Desse modo, observou-se que o pesquisador, com sentidos construídos numa cultura colonizadora, leu a Amazônia e procurou traduzi-la a sua audiência dando voz a cultura local e envolvendo-se com essa cultura. Ressalta-se neste trabalho o que a teoria tão bem explica: que o conceito de sentido está relacionado à noção de ponto de vista e com a possibilidade ou não de uma pessoa interpretar contextos e cenários.

Com a análise concluída, comprovou-se, mais uma vez, a importância para os estudos lingüísticos amazônicos da observação dos processos utilizados pelo autor estrangeiro ao traduzir a cultura amazônica. Ademais, num trabalho como o de Hamill, que recupera as memórias de um pesquisador e, através delas, descreve costumes regionais, nomes e partes da história da Amazônia brasileira, sua análise e tradução são de grande importância à sociedade e à academia, justamente por oportunizar esse resgate de valores históricos e culturais.

#### 4 Referências

- ADAMS, Hazard and SEARLE, Leroy (1985). *Critical Theory*. University of Florida.
- AGRA, Klondy Lúcia de O. (2004). “Tradução e Representação da Amazônia:

- uma análise da obra de Charles Wagley, *Amazon Town* e de sua tradução para o português brasileiro” Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Linguística da Universidade Federal de RO - UNIR, sob orientação do professor doutor Miguel Nenevé.
- ASSOCIAÇÃO Brasileira de Normas técnicas (2000). *Normas ABTN Sobre Documentação*. In: Manual de Normas de Apresentação de Monografias, Dissertações e Teses - Terceira Edição. Org. por Ferrarezi Jr. Para o Programa de Pós-Graduação -2003. Guajará-Mirim, RO.
- BAKHTIN, Mikhail (1999). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- CARNEIRO, Eduardo. A Borracha no Acre. <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=807>
- CASSIANO, Ricardo (1960). *O Tratado de Petrópolis*. Rio de Janeiro.
- FREGE, Gottlob (1978). “Sobre o sentido e a referência”. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix.
- FERRAREZI Jr., Celso (2003). “A especialização dos sentidos: palavra, contexto e cenário”. “(mimeo)”.
- HAMILL, E.B. Relatos doados à Universidade Federal de Rondônia em 2002, pela professora Ellen Hoffmann.
- NENEVÊ, Miguel (2003). “Translating back P.K. Page’s Work, Some Comments on the Translation of Brazilian Journal into Portuguese”. In: *Interfaces Brasil/Canadá*, V.1, N.3. Belo Horizonte.
- RACCAH, Pierre, Yves (2002). La Semantica de los puntos de vista: Hacia una teoria científica y empírica de la construcción del sentido. In *letras de hoje*. Porto Alegre: PVC/RS. n° 129, pp. 45-72.
- TOCANTINS, Leandro de (1961). *Formação histórica do Acre*. Rio de Janeiro: Conquista.